

## **A Morte e as mortes**

### **Um fato**

Dois seminaristas brasileiros acompanhávamos uma jovem operária de São Paulo que estava em Roma para o Encontro internacional da Juventude Operária Católica (JOC). Visitamos o cemitério dos Capuchinhos. É um porão onde um frade habilidoso montou várias capelas cujos altares, lustres, castiçais, ornamentos todos, são feitos com os ossos retirados do antigo cemitério da Ordem. Em cada capela há, pelo menos um esqueleto completo, vestido com o hábito capuchinho.

Tudo visto, “vamos embora?” A jovem respondeu: - Vamos rezar um Pai Nosso pelas almas desses frades?

### **Causas e conseqüências**

Formada no método Ver-Julgar-Agir, a jovem empregada doméstica sabia enxergar em todos os fatos a presença do ser humano. Olhava a realidade de maneira mais profunda que os estudantes de teologia. Os frades que deram os ossos para uma obra de arte mereciam consideração. Aprendemos com ela.

Orar pelos mortos é uma tradição católica profundamente arraigada em consequência, especialmente, da briga com a reforma protestante. É, porém, a melhor maneira de se fazer sua memória. A distinção entre tempo e eternidade não entra fácil em nossa cabeça, mas para Deus não há problema.

### **A luz da Palavra**

A morte, mais que o parto para uma mulher grávida, é um passo no escuro. E não é sem razão que os evangelistas Marcos, Mateus e Lucas falam de momentos de pavor de Jesus antes de ser preso. Ele sabia que o preço de sua coerência era a morte dos bandidos amaldiçoados, por isso teve medo. Mas era o único caminho, era a vontade do Pai.

Mesmo no Evangelho de João Jesus compara o momento de sua morte à ansiedade que precede o parto (Jo 16,21). Pensa em dizer – não no momento da prisão – “Pai, livra-me desta hora!”, mas logo arremata “Pai. glorifica o teu nome!” (Jo 12,27).

Depois da Morte de Jesus acaba o medo. Paulo, correndo o risco de ser condenado à morte, diz que isso seria lucro para ele, que quer ir-se embora para estar com Cristo (Fl 1,20-23). Em 2Cor 5,1-4 ele compara nosso corpo atual com uma tenda que, quando for desarmada, nós recebemos uma casa definitiva, o corpo mortal revestido de imortalidade, a morte sendo absorvida pela vida.

### **Agir**

A convicção de fé, por mais profunda ela seja, não impede o sofrimento da morte, o vazio da perda, a sensação de não poder mais curtir nem repetir aqueles bons momentos passados. Mas não há a quem recorrer, é a única certeza que temos na vida.

“Lembra que, quando tu nasceste, todos riam e só tu choravas. Agora vive de tal maneira que, quando morreres, todos estejam chorando e só tu estejas rindo!” (Provérbio persa).

*José Luiz Gonzaga do Prado*